

O Sétimo Pilar da Sabedoria*

*Regina de Baptista Colucci***

Resumo: Este trabalho pretende examinar as particularidades do discurso específico de uma analisanda e sua transformação num diálogo psicanalítico. O diálogo é construído na relação e pressupõe uma série de variáveis presentes nele: o que acontece desde o contato que o analisando pretende ter com a realidade e com os fatos para os quais busca uma significação, até o produto final disso, que é o retorno dado pelo analista àquilo que pensa ter ouvido. Alterações feitas na captação, tanto por parte do analisando como por parte do analista, são veiculadas pela linguagem, estando, portanto, presentes na relação analítica. Considera ainda que a razão com a qual esses fenômenos são examinados não é suficiente para esgotar toda gama de envolvimento que os fatos contêm. A linguagem é o instrumento por meio do qual as defesas e as deformações se servem para provocar alterações e deturpar os fatos com a finalidade de dificultar a captação da verdade. A mente intuitiva do analista pode ser o instrumento que mantém aberto o canal de investigação.

Palavras-chave: Diálogo. Discurso. Intuição. Linguagem. Razão.

* Texto reescrito a partir de trabalho anterior, denominado *Perto do Coração Selvagem da Vida*, apresentado no XVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise no dia 8 de setembro de 2001 e na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo no dia 8 de dezembro de 2001.

** Membro Efetivo e Analista de Criança e Adolescente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

*The Seven Pillars of Wisdom are:
I keep six honest serving-men
They taught me all I knew
Their names are What and Why and When
And How and Where and Who.
I send them over land and sea,
I send them east and west
But after they have worked for me,
I give them all a rest.
The missing one completes the seven¹*

1 O Início

Este trabalho pretende, partindo de uma experiência clínica e do verso citado em epígrafe, nos aproximar dos primórdios de uma relação.

Minha analisanda se comunicava por meio de um discurso imbuído de verdades e baseado no passado, e não na relação, resultando numa comunicação fechada em um círculo que impedia a investigação.

Minhas incursões teóricas me levaram a ter contato com o verso de Kipling, citado por Bion (1977), sobre os seis servidores: *O Que, Por Que, Quando, Como, Onde e Quem*, cuja função era a de investigar os fatos. Bion alude a que o autor, ao colocar os interrogantes para descansar na última estrofe, faculta o início do trabalho do analista. Com isso, na Introdução ao seu livro *Seven Servants*, Bion acrescentou um último pilar, que não constava no verso original: *aquilo que está ausente completa o sétimo*,

¹ Os sete pilares da sabedoria são:
Disponho de seis honestos servidores,
Eles me ensinam tudo o que sei
Seus nomes são: o **Que** e **Por que** e **Quando**
E **Como** e **Onde** e **Quem**.
Eu os envio por terra e mar,
Eu os envio para leste e oeste.
Mas depois que tenham trabalhado para mim,
Eu lhes dou o merecido descanso.
O **Ausente** completa o sétimo.
(BION, 1977, tradução nossa).

formando, assim os Sete Pilares da Sabedoria (referência Bíblica) e o colocou como título da estrofe.

Proponho que a captação analítica e a intuição artística podem vir a revelar um novo sentido naquilo que era voz, letra ou imagem.

2 O Discurso Literário e o Discurso Analítico

O discurso literário veicula o mundo mental do criador por intermédio das personagens, permitindo ao leitor estabelecer uma identificação entre a trama do enredo e seus próprios objetos internos, ou seja, ele ouve o que está inscrito no texto, estabelecendo um sentido com seus próprios enunciados. Emoções são mobilizadas no leitor. Se essa centelha não receber significado, a vivacidade logo se extingue, sem que as emoções, então suscitadas, possam adquirir sentido, e se extingue sem produzir transformações.

O discurso analítico, diferentemente, é discurso vivo. Nele a trama que envolve os objetos internos do analisando sofre modificações ante a presença dos objetos internos do analista, permitindo às emoções presentes na relação analítica tomarem novos destinos.

Ambos, criação literária e o discurso do analisando, estão dirigidos a um receptor, seja leitor, seja analista, que, por sua vez, interage com o texto segundo o que capta, pensa e sente. E ambos, escritor e analista, estruturam em linguagem o que é da ordem do inconsciente.

A narrativa de uma experiência e a elaboração de uma ficção pretendem se aproximar da realidade dos fatos por elementos invariantes entre a experiência em si e sua expressão, tanto no que diz respeito às falas do analisando quanto ao discurso do narrador literário. Quanto maior a invariância entre essas duas instâncias, a experiência e comunicação dela, maior a chance de se conseguir uma formulação em concordância com a realidade; quanto maior a distorção, mais se está à mercê de interpretações subjetivas do leitor ou do analisando.

Por um lado, o esforço do escritor é o de mascarar os fatos por meio da linguagem literária. No analisando, o fato já se manifesta distorcido pelas defesas contra a aproximação da emoção, da fantasia, do conhecimento. O

trabalho do analista, então, é ajudar o analisando a se aproximar da sua verdade.

O tema é estimulante: o que acontece na realidade, como o analisando a captou, o que é dito na sessão, como foi ouvido pelo analista, o que é transcrito, ou ainda, o que é produzido pela intuição ou pela atuação e qual o uso que se pode fazer do registro transcrito. Esse *continuum* permite que o produto mental, até agora sem sentido, encontre uma via de significação na direção do conhecimento.

3 O Diálogo

O contato com o mundo mental se dá por meio da fala e do que está aquém ou além dela. A fala analítica é construída quando houver contato entre o mundo interno e a experiência a ser significada. O produto disso é recebido pela escuta do analista.

Freud instituiu o método da *talking cure*, considerando que o *leitmotiv* do encontro analítico é a fala. A fala cura pelo conteúdo que veicula ou pelo que acontece dentro da relação, junto a outros fenômenos que vão além dela. Muitas vezes vivemos percepções que colaboram para um conhecimento sem que se tenha consciência disso no momento do contato. Quantas percepções não ocorrem mesmo à nossa revelia, sem que sequer possamos nos dar conta do que as motivou ou até mesmo da sua própria existência?

Diz Bion (1977):

Posso resumir, brevemente, minhas descobertas assim:

- 1 – não imaginava o quanto tinha aprendido com John Rickman e Melanie Klein;
- 2 – devia saber o que quis dizer quando escrevi meus textos, mas não os compreendo agora, como o poeta que respondeu quando perguntado o que quis dizer com Sordello: ‘Uma vez Deus e Robert Browning souberam; agora só Deus sabe’;
- 3 – o quanto pensei ter compreendido do que formulei, mas que so-

mente agora começo a entender. Em outras palavras, algo do que eu disse tinha um significado subjacente que não era aparente quando eu o escrevi;
4 – os livros foram pro e e-vocativos (tradução nossa).

Bion refere-se à presença de algo ausente tanto nas ações e intenções pessoais quanto nas ações e intenções de parceiros que determinam percepções não explícitas, gerando nas experiências compartilhadas um colorido de compreensão ou incompreensão geradora de desenvolvimento ou estagnação.

A observação dos fenômenos presentes numa relação determina conhecimentos novos que transcendem as palavras. Esses fenômenos podem vir a ser conhecidos, desde que haja uma compreensão e uma empatia real entre os participantes da experiência. A conjunção dessas duas variáveis – uma mente que pensa e a empatia que envolve a experiência compartilhada – é que promove desenvolvimento. Faltando um dos dois elementos, a tentativa é a de uma significação aleatória e o recurso que resta é o de uma fala repetitiva que impede o prosseguimento das experiências emocionais em questão. Do jogo entre a verdade expressa pela fala e a verdade buscada na relação, paira um sentido vago e distante que borra os contornos da experiência emocional.

Na literatura, a presença de personagens em busca de significados somada ao surgimento de elementos que rompem com a linearidade da narração faz perceberem-se os sentimentos inconscientes que se entremeiam na trama em busca de significados. A personagem é concebida pelo mundo interno do criador e, diante de personagens carregadas de extremas vivências subjetivas (que vão além do que se precisa para entender o enredo), o leitor pode vir a ter uma reação defensiva de afastamento por temor à expressão das emoções contidas na e suscitadas pela leitura. O texto é feito de palavras, nas quais signo e significado sobrepõem-se. A criação do sentido e a simbolização advêm do leitor.

Aqui vou me apropriar de Alberto Manguel (2001, p. 19): “E, contu-

do, em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento certa legitimidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo”.

Quando nós, psicanalistas, transcrevemos uma sessão, não estamos fazendo literatura. Essa escritura é fruto das transformações ocorridas a partir da fala do analisando e da sua repercussão na escuta do analista. O analista depura da vivência de ambas as falas por viver a experiência emocional junto com o analisando, enquanto pensa a experiência do interior dela. O material transcrito, então, não chega a ser nem ficção nem o fato em si – é feito a quatro mãos, a partir de uma relação viva cujo contato gera emoções verdadeiras.

Esse interjogo de influências, tanto do trânsito emocional quanto das teorias que rondam a mente do analista, é pré-requisito na construção do vértice psicanalítico em que se privilegia a capacidade introspectiva, que, usada de acordo com as peculiaridades de cada um, constrói a especificidade da relação que se estabelece. Nessa medida, podemos encontrar analisandos que chegam mais disponíveis à investigação – não utilizam tantas projeções por não pretenderem provar nada e têm como objetivo a busca da verdade. Também recebemos analisandos que se dedicam à deturpação de fatos, e até de fatos de história de vida, a serviço de dogmas que preservam, utilizando-se de recursos projetivos para convencer o analista da “veracidade” desses dogmas, evitando investigar o que seria a verdade. Encontramos ainda um terceiro grupo: aqueles que chegam desesperançados de compreensão e se debatem entre mecanismos defensivos de descrença no outro; entretanto, mantendo-se à espera de um ouvido não saturado que possa investigar verdades desconhecidas.

Nessa aventura de investigação a respeito de verdades desconhecidas, nos encontramos muitas vezes com vivências emocionais mobilizadoras, que têm a característica de não serem a verdade ainda, embora pretendam vir a ser.

4 O Diálogo Psicanalítico

Um trecho de Benedito Nunes (1995, p. 56) dá a dimensão da dificuldade que a investigação de uma verdade comporta: “O verdadeiro e o falso se misturam, como numa paródia da doutrina védica de que não há assassino nem assassinado: ‘se o assassino pensa que matou, se o morto pensa que morreu, ambos desconhecem a verdade’” (referência a Katha Upanishad).

O analista tem de suportar-se na fimbria entre o falso e o verdadeiro. Se do vértice de um dos extremos da consciência podemos pensar que é possível nascer a cada experiência, também é possível afirmar que nascimento e morte se confundem, ou ainda que nascimento e morte são verso e reverso de uma mesma moeda.

A procura de minha analisanda para acalmar a ânsia com a qual revestia sua vida afetiva, profissional e pessoal iniciou-se assim que tomou conhecimento da existência de uma mente. A relação analista/analisanda se deu em torno de questões de vida e morte e entre vida e morte, mas a arrogância que expressava era diferente do que buscava: compreensão para suas necessidades.

Pretendo considerar os fenômenos dessa particular relação vivida por mim e por ela, tendo como modelo de investigação os sete servidores que compõem o verso que abre este trabalho.

Os seis primeiros honestos servidores – o que, por que, quando, como, onde e qual – investigam a verdade do ponto de vista racional, da inteligência. Com eles buscamos a verdade nos fatos. O último pilar, acrescentado ao verso original por Bion, conduz-nos a procurar aquilo que está ausente e convida a nos aproximarmos da verdade.

5 A Analisanda

Apresento duas vinhetas de uma mesma sessão:

A – Que eu saiba ... minha mãe teve parto domiciliar. Só minha irmã caçula e meu irmão nasceram em hospital. Uma vez minha mãe falou

sobre meu nascimento ... eu tinha 8 anos... Ela contou que meu pai trabalhava no Paraná numas terras do meu tio... Eu nasci miudinha ... Um irmão do meu pai, que na época era solteiro ... Nós morávamos com os meus avós paternos... Meu pai era o mais velho e tinha obrigação de manter a família. Meu tio pegou o caminhão ... estava chovendo ... para ir buscar a parteira. O caminhão encalhou. Eu nasci mirrada ... a menor de todas ... nasci roxinha... Minha mãe tentava me aquecer, mas eu não me aquecia. Ficava gelada. Nem que tivesse vindo a parteira, ela não iria fazer nada.. Quando ela falou ... a primeira coisa que me passou pela cabeça era que preferia que tivesse morrido naquele tempo mesmo. Talvez por ter vivido uma infância muito sofrida, também por não ter boas lembranças da vida.

E, ainda, num outro momento:

A – Quando fiz minha residência ... era um volume grande de crianças ... as crianças nasciam mal ... a equipe se esforçava ... era uma equipe multidisciplinar. A criança estava bem e, de repente, na hora de ter alta, ela fazia uma parada respiratória maciça e morria. Clinicamente não era possível explicar... mas acontecia muito.

R – A criança se suicidava por não querer viver?

A – É.

R – E você teve todas as condições de fazer o mesmo e não o fez.

Esta analisanda dormia muito em suas sessões e relatava sonhos de estar morta, o que lhe dava uma boa sensação de paz. Evidenciava um sono letárgico, no qual por vezes se mostrava viva, por outras, morta.

6 Os Seis Servidores

Para Peirce (1974, p. 169-171), a inteligência baseia todo seu conhecimento, essencialmente, nas hipóteses que produz. Sempre avança em meio aos riscos do erro e de modo sempre aproximativo do real, de forma que seu pensar mantenha a máxima coerência frente aos fatos que pretende analisar.

A razão considera que não haverá rupturas na representação da reali-

dade que impossibilite continuar a investigação, mas se vê em conflito sobre como conciliar a singularidade do fato e a continuidade do pensamento.

Nessa linha de pensamento, considero que o fato primordial comporta a interrogação presidida pelos seis servidores articulados com a razão. Porém, a razão não constitui o sujeito. O sétimo pilar dá sustentação e coerência às representações produzidas pelo discurso analítico que corre ao longo dos interrogantes e somente se manifesta nas representações captadas, explicitadas e inseridas num sentido.

6.1 Primeiro Servidor: o que – o fato

Sofreu, sobretudo, de incompreensões, sozinha, atônita. Era sempre inútil ter sido feliz ou infeliz. E mesmo ter amado. Nenhuma felicidade ou infelicidade tinha sido tão forte que tivesse transformado os elementos de sua matéria, dando-lhe um caminho único, como deve ser o verdadeiro caminho (LISPECTOR, 1995, p. 116).

O fato guarda em si a origem do conflito. Minha analisanda investigava sua origem nos fatos do passado progresso buscados na memória, enquanto que na origem mitológica os fatos não podem vir a ser conhecidos pela inteligência ou memória. O acesso a ele se dá pela interpretação das experiências vividas que cria o significado.

Para ela, havia uma crença estruturada, sem caminho, sem esperança e sem conforto que pudesse ser capaz de minorar seu sofrimento. A – “É que tantas vezes eu tive que me virar sozinha! E eu sobrevivi”.

A irmã que, na ordem cronológica dos filhos, vinha logo abaixo dela, suicidou-se no quinto mês de gravidez. Um “conhecimento” transgeracional (SILVA, 2003) impregna gravidez e nascimento, correlacionado-os com a morte. O mistério da vida inclui o mistério da morte.

Lembra-se dos fatos pela memória, mas não encontra o passado que quer alcançar. É falsa a conexão na qual se apoia para dar sentido às suas

lembranças. Os sentimentos se acumulam interiormente com afetos fortes e violentos, polarizando a vida afetiva em constante metamorfose e se sente sujeita a arrebatamentos que impedem uma trajetória consistente. Acaba numa busca repetitiva, esforçando-se para mudar o passado, quando deveria encontrar a verdade no mito que expressa esse passado para chegar ao sentido. Pela recomposição dos elementos, não se chega a uma compreensão nova. Sem o auxílio da investigação pela comunicação, vê-se jogada de um lado a outro, sentindo-se inútil naquilo que produz. O diálogo estabelecido entre a prisão e a liberdade a conduzia a um discurso fechado.

6.2 *Segundo Servidor: por que – a causa*

Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida (LISPECTOR, 1999, p. 110).

O *Por que* investiga as causas que regem o fenômeno. Antes de ser uma causa, é um campo que se cria. Mesmo o banal tem uma razão, se a matriz do intérprete for sempre a causalidade sensível. A matriz não existe, é criada. O *Por que* estabelece uma relação triádica entre o sujeito, aquilo que quer significar e as hipóteses que pode investigar.

Mas, a analisanda fala para transgredir, transforma uma investigação num processo acusatório. Denuncia para não morrer ou para não deixar morrer uma verdade da qual pretende ser a porta voz. Quer fazer justiça. Foi “abraçada” pela mãe num gesto que lhe deu vida, mas recebeu-o como um gesto de “morte” – entrelaça vida e morte, já que ambas se originam da mesma raiz, como “na língua húngara onde o ato de matar e o abraço derivam uma da outra” (MARAI, 1999, p. 100).

Sua “fonte” de vida fica envolta, já nesse primeiro instante, em uma ansiedade de sobrevivência catastrófica, em lugar de prazer e segurança. Instala-se a fantasia de um mundo preenchido com angústias silenciosas. Fala para tentar dar voz ao inominável.

6.3 *Terceiro Servidor: quando – o tempo*

Continuo sempre me inaugurando, abrindo e fechando círculos de vida, jogando-os de lado, murchos, cheios de passado, para inaugurá-los outra vez. Momentos tão intensos, vermelhos, condensados neles mesmos, que, fechada e plena de passado, perco a noção de presente. (LISPECTOR, 1995, p. 116)

O fato em si é imutável e incapaz de evoluir. O fato do mito é atemporal. Não importa a cronologia – ele é eterno e atual, adquirindo significados no presente.

As verdades de minha analisanda estão fixadas num tempo fechado. Não há livre associação, e suas falas não são do sujeito histórico, mas a fala da “verdade”. Sendo arquivista de fatos passados só lhe resta repetir suas crenças. A – “Mas eu sabia que iria ter filhos homens. Não me vejo mãe de filha.”

Esta paciente é a terceira filha mulher dentre outras seis e apenas o último é homem. A decepção causada aos pais por ser mulher ainda está viva e este passado está sempre presente. Por viver repetidamente o momento do nascimento, sem nascer, não vive. Não chegou a morrer e não chega a viver. O bebê gelado e roxinho que dispensava a mãe e a criança suicida citada na sessão é um pedido de socorro do infantil que permanece vivo até hoje em busca de nova chance de significação e evolução.

Fechada em um círculo cuja narrativa contem sequências temporais ricamente elaboradas, prende-se num tempo arredondado e acabado, conservando toda plenitude em si mesmo: um tempo onde não existe o par.

As vivências natais invadem seu mundo, prendem-na ao passado, e sua vida, sem presente, não evolui. As experiências se movimentam numa circularidade infrutífera, e a progressão que vai do infantil à mulher madura se acha truncada e sem evolução, pois, como cita Olgária de Matos (2006, p. 106), “[...] a infância bem como a memória histórica, sede dos ensinamentos e preconceitos do passado, do conhecimento empírico e das opiniões, são fonte de erros, enganos e ilusão”.

6.4 *Quarto Servidor: como – a forma*

Meu conhecimento não serve como experiência – é um conhecimento direto, mais como sensação do que de percepção. A verdade então descoberta é tão verdade que não pode subsistir senão no seu recipiente, no próprio fato que a provocou. Tão verdadeira, tão fatal, que vive apenas em função de sua matriz, uma vez terminado o momento de vida, a verdade correspondente também a esgota. (LISPECTOR, 1995, p. 116)

A – “Tenho que encontrar sozinha meu caminho.”

E fica sozinha, diante da presença/ausência da analista.

A forma como articula sua fala é de uma descrença no diálogo e no questionamento para se significar. Não há o outro.

Seu “mito pessoal”, segundo o qual busca significação para os registros e notações das experiências, tem alcance limitado, ao unir elementos em uma história/narrativa que propõe “verdades”. Um mito sem a universalidade que lhe é característica assemelha-se a “verdades” que são estabelecidas pelo vértice da experiência pessoal ou do superego.

A fala inquestionável e não disponível para pensamento adquire um caráter não analisável, como uma experiência fechada em si mesma. A analista é espectadora da pseudo-experiência que não comporta outros ângulos, e por ser “verdade” em si, qualquer abordagem será refutada como se os seus argumentos tivessem sido insuficientes para provar sua verdade.

A fala repetitiva substitui a experiência e adquire o caráter de uma segunda pele (BICK, 1991, p. 197-198), que tem por função estabelecer uma barreira de controle contra a penetração da vivência emocional para o interior da mente. Isola a experiência emocional corretiva que poderia se contrapor às experiências antigas e, aprisionada, tem como recurso os mesmos e únicos elementos com os quais se significou no passado. Fechada em sua verdade, a analisanda fica só, ainda que diante da analista. Para Olgária de Matos (2006, p. 107), “[...] quanto mais a razão ganha em precisão, exatidão e domínio sobre o objeto, mais ela se curva sobre si mesma

em um monismo sufocador. O resultado dessa razão controladora e autocontroladora, que procura um ponto fixo, estável e seguro, não é o triunfo sobre a natureza exterior e interior, mas o *cogito* – isto é, o *vazio*”.

6.5 *Quinto Servidor: onde – o lugar*

Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
(ANDRADE, 2006, p. 24).

A poesia de Drummond indica o lugar em que se encontra a verdadeira poesia. Também em Psicanálise o caminho em busca do verdadeiro eu passa pela coragem de penetrar no mundo sombrio do desconhecido, de se libertar de proposições antigas e compromissos com o passado.

Para minha analisanda não há incógnita nem mistério, porque o desconhecido se resolve na dimensão do já conhecido e, assim, sufoca-se numa capa defensiva de críticas e crenças, aprisionando-se:

A – “Quem lê o que escrevo deve achar que eu sou alegre ... uma palhaça, mas não sou assim ... as coisas que tento escrever ... se for pensar a fundo não têm importância e não passam de uma grande ilusão.”

Sua comunicação tanto quanto sua escrita serve para esconder, para camuflar seu *self*. Não há procura interna para se definir. Usa uma máscara de alegria, como nos teatros gregos, pretendendo apresentar-se por uma identidade outra que não a sua. A máscara serve de anteparo para separá-la da verdadeira experiência. Engana-se antes de enganar.

O que daria a dimensão de si mesma exige dela que se arrisque no não nascido. Seu nascimento não pôde ser sonhado, agora não sabe sonhar as experiências.

6.6 *Sexto Servidor: quem – o sujeito*

“[...] não sabia em instantes se vivia ou se estava morta, se tudo o que tinha era pouco ou demais”. (LISPECTOR, 1995, p.192).

A – “Na quinta série, um professor pediu que a classe fizesse uma redação: Quem sou eu? Escrevi toda ela na terceira pessoa. Acho que sou falsa e que a verdadeira nem existe.”

Descrevendo-se na terceira pessoa, mostra que a não-vivência de si mesma é estranha por não ser a verdadeira. Não evolui a percepção de si para a identidade atual que permanece desconhecida.

Expressa suas experiências interiores como em constante mutação, diante das quais ora a elas se adere, ora se coloca como estranha e, oscilando de uma a outra, não se define...

Cria um “como se” (MALCOLM, 1991 p. 93) e deixa de existir, reveste-se de uma capa de personagem para não viver. Essa alienação diante da escolha lhe permite uma criação própria do mundo. Dessa maneira, ela mesma se impede de obter proteção, segurança e desenvolvimento. Entretanto, tanto quando era bebê como ao longo da vida, ela fez a escolha pela vida, embora não possa responder pela escolha. Atrofia-se dentro de uma couraça e sem algo interno que a sustente, fica à mercê da fragilidade. Essa mesma fragilidade gera os medos dos quais tanto quis se defender.

A experiência do instante de seu nascimento, se tomada como o retrato de seu aparato mental para lidar com a vida, revela uma mente mirrada, gelada e prematura, vivendo um excesso de emoções, em contato direto com a morte e sem um anteparo de proteção: “... mal-estares primordiais são inacessíveis, jamais foram conscientes, pois livrou-se deles **na fonte**. Em uma idade muito posterior, essas coisas, antes inacessíveis, que jamais foram inconscientes, que jamais foram conscientes, agora tornaram-se ambos” (BION, 1992, p. 219).

A vivência real dessas emoções em novo continente a trará de volta à vida?

A – Não sei direito o que estou sentindo. Parece que eu tenho medo de alguma coisa. Estou com a ideia de que não adianta falar. Se eu venho aqui pode acontecer alguma coisa e eu morrer. Se eu não venho, vou me sentir muito mal e ficar à beira da loucura. Fica a sensação de acabar alguma coisa ... que alguma coisa pode morrer.

A fala se esgota, aparece a emoção: medo da morte e da loucura (BION, 1992, p. 220). Volta às sensações de incontinência e, de novo, ao ponto de partida em busca sempre de novas chances.

Esgotando-se os questionamentos trazidos à luz pelo discurso e pela racionalidade, uma nova configuração para as experiências pessoais se impõe, com prevalência das emoções, que comporão o complexo contexto de novos fenômenos com os quais deve se confrontar.

Por mais que guarde elementos de reminiscência arraigados em sua memória e prefira o recolhimento na solidão de sua mente, não se deve subestimar a atração das forças da vida, sem dúvida, presentes nela, promovendo rupturas e novas convenções de composição a serem encontradas.

6.7 O Sétimo Pilar

Sei que tenho medo de momentos nos quais não uso o pensamento e é um momentoso estado difícil de ser alcançado, e que, todo secreto, não usa mais as palavras com que se produzem pensamentos. Não usar palavras é perder a identidade? É se perder nas essenciais trevas daninhas? (LISPECTOR, 1998, p. 65).

Depois que os servidores fizeram seu trabalho, foram descansar. Minha analisanda acordou – acordou para investigar.

A – Enquanto eu durmo, o que você faz?

R – Eu fico ao seu lado.

Ela acordou do sono letárgico que a alienava. Viveu amalgamada comigo numa relação necessária para restabelecer a emoção primeira, a

unicidade que tinha sido abortada. A vivência do uno, fusional, sem palavras e sem conflito, permitiu que a analisanda se aproximasse de seu vazio e, aceitando-o e por meio do sono letárgico em minha presença, revitalizou-se. Depois dessa sessão nunca mais dormiu.

Bion postula, ao longo de sua obra, a presença de um nível subliminar aos fatos conhecidos e que, quando investigado pela memória ou pela inteligência, não chega a esgotar as experiências mais verdadeiras contidas nos fatos.

Vou me apropriar do trabalho de Bion (1996): trabalho-de-sonho- α para teorizar sobre o sétimo pilar.

Para ele, essas experiências subliminares são sensações que ainda não possuem palavras com as quais possam ser expressas, e assim alcançar comunicação. A expressão desse material depende da operação de α , e só depois que tenha sido operado por α é que irá adquirir significado. Esse trabalho em que α opera denominou-se **trabalho-de-sonho- α** ou simplesmente α . O trabalho de sonho α opera na recepção do estímulo que surge dentro e fora da psique e atua na contraparte ideacional da consciência ligada aos sentidos. Mas para que α opere, é necessário que a impressão sensorial seja durável para poder ser transformada de forma a ser conveniente para armazenagem e recordação.

Os materiais que não podem ser processados por α parecem ser experiências carregadas de emoção, medo, ansiedade, na qual o paciente não consegue dar nome ou juntar uma imagem que possibilite um reconhecimento. Ou então são sonhos aparentemente sem conteúdo, mas que contêm uma poderosa vivência emocional, e ainda sonhos em que não aparecem as emoções que possam ser relacionadas com as imagens visuais relatadas do sonho.

As experiências que não puderam adquirir aprendizagem mostram uma falha no uso da função α , devido ao predomínio do princípio prazer/dor sobre a realidade ou ao uso das imagens visuais a serviço da identificação projetiva, ou seja, devido à pouca durabilidade na retenção da imagem e à expulsão por projeção antes que ela possa ser processada. Há também

diversos graus na frequência do uso com que o paciente recorre à utilização das imagens do sonho a serviço da identificação projetiva.

E Bion, nesse trabalho, afirma que “A experiência que oferece mais esperança para isso [restabelecer a operação da função α] é a situação de análise, na qual é possível para o analista ver acontecendo, por si mesmo, os fatos sobre os quais α está operando, onde e quando se revelam” (1996, p. 84, tradução nossa).

7 Conclusão

A linguagem é o instrumento que permite sondar a alma humana e lhe dar liberdade. Em contrapartida, pode ser uma prisão com limites implacáveis e exige nossa humildade no reconhecimento de sua insuficiência.

Com essa fragilidade, a captação é deformada por defesas e pela falta de função alfa que deem significado às experiências; a compreensão da linguagem, pois, não é suficiente num processo analítico. Ela sempre esbarra num limite intransponível, não fosse a captação intuitiva realizada pelo artista ou pelo analista.

Espera-se do psicanalista que esteja apto a captar e trabalhar com a falta de contato que o analisando tem com relação a este nível subliminar que ronda a mente, mas que sem uma mente intuitiva não a aproveita nem a transforma em experiência.

The Seventh Pillar of Wisdom

Abstract: The aim of this paper is to examine the particularities of a specific speech of a patient by changing it into a psychoanalytical dialogue. The dialogue is built in the relationship and it presupposes a series of variances that are present in it: what happens from the contact the patient has with reality and with the facts for which he/she is looking for a meaning until the final product which is the feedback given by the analyst to what he/she believes he/she has heard. Alterations in the intuitive capacity both on the part of the analyst and on the part of the patient are transmitted by the common talk and they are therefore present in the psychoanalytical relationship. This paper also believes that reason, with which these phenomena are examined, is not enough to exhaust the range of involvement that the facts have. The common talk is the tool through which the defenses and the distortions base themselves on to cause alterations and distort the facts in order to

make it difficult the grasping/understanding of the truth. The intuitive mind of the analyst might be the instrument that keeps the investigation channel opened.

Keywords: Common talk. Dialogue. Intuition. Reason. Speech.

El Séptimo Pilar de la Sabidoria

Resumen: Este trabajo estudia las particularidades del discurso específico de un analizando y la transformación de este en un diálogo psicoanalítico. El diálogo se construye en la relación y presupone una serie de variables presentes en él: lo que ocurre desde el contacto que el analizando tiene con la realidad y con los hechos con que busca significación hasta el producto final, que es el retorno del analista acerca de lo que ha interpretado. Las alteraciones ocurridas en la captación, tanto por el analizando como por el analista, son vehiculadas por el lenguaje, por lo tanto, ellas están presentes en la relación analítica. Se considera, todavía, que la razón, con que estos fenómenos son examinados, no es suficiente para agotar los involucramientos de los hechos. El lenguaje es el instrumento que las defensas y deformaciones se sirven para provocar alteraciones y falsear los hechos visando dificultar la captación de la verdad. La mente intuitiva del analista puede ser el instrumento que mantiene abierto el canal de investigación.

Palabras-clave: Diálogo. Discurso. Intuición. Lenguaje. Razón.

Referências

- ANDRADE, C. D. de. **A Rosa do Povo**. São Paulo: Record, 2006.
- BICK, E. A Experiência da Pele em Relações de Objeto Arcaica. In: SPILLIUS, E. B. (Ed.). **Melanie Klein Hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. 1, p. 194-198.
- BION, W. R. **Cogitações**. Valencia: Promolibro, 1996. Original publicado em 1994.
- _____. **Conversando com Bion: quatro discussões com W.R. Bion: Bion em Nova York e em São Paulo**. Rio de Janeiro: Imago, 1992
- _____. Introduction. In: _____. **Seven Servants: four works by W. R. Bion**. New York: Jason Aronson, 1977.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- _____. Pertencer. In: _____. **A Descoberta do Mundo: crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 110-111.
- _____. **Perto do Coração Selvagem**. 16. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- MALCOLM, R. R. (1991). Como-si: el fenómeno del no aprendizaje. **Libro Anual de Psicoanálisis**, 6, 93-100, 1990.
- MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

- MÁRAI, S. **As Brasas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MATOS, O. **Discretas Esperanças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- NUNES, B. **O Drama da Linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PEIRCE, C. S. S. **Collected Papers of Charles S. Peirce**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974. v. 6.
- SILVA, M. C. P. **A Herança Psíquica na Clínica Psicanalítica**. São Paulo: FAPESP, 2003.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Regina de Baptista Colucci

Rua Caiçara, 45 – Salgado Filho
17502-620 – Marília – SP – Brasil
Tel.: (14) 3413 9343
E-mail: rcolucci@terra.com.br